

O QUE PROFESSORES E ALUNOS PERGUNTAM SOBRE SEXUALIDADE?

WHAT TEACHERS AND STUDENTS ASK ABOUT SEXUALITY?

Lilian Aparecida TEIXEIRA¹
Marinez Meneghello PASSOS²
Denis Augusto FRIGO³
Virgínia Iara de Andrade MAISTRO⁴
Sergio de Mello ARRUDA⁵

Resumo

Trabalhar os temas relacionados à Educação Sexual, apesar de todas as formações iniciais e continuadas, oferecidas atualmente, ainda tem sido um problema nas escolas de Educação Básica. Desta forma, devemos considerar que programas de extensões das universidades têm sido de grande valia, pois levam muitas orientações aos professores, e, por conseguinte, aos alunos, além de contribuírem com a formação dos futuros professores, atuais estudantes das licenciaturas. Assim, a questão que norteou nossa investigação foi: Quais são as dúvidas que professores e alunos possuem sobre Educação Sexual? Para tanto, utilizamos um levantamento de perguntas feitas nos anos de 2013, 2014 e 2015 por professores e alunos e nos baseamos nos procedimentos metodológicos da Análise Textual Discursiva para organização dos dados. Além disso, para a análise, utilizamos o *software* webQDA que permitiu evidenciar as palavras significantes mais frequentes. Interpretamos que seis das dez palavras mais frequentes nas perguntas, feitas pelos sujeitos de pesquisa, eram comuns nas questões dos professores e dos alunos, fato que nos levou a gerar uma nova indagação: Como os professores podem trabalhar temáticas relacionadas à Educação Sexual, se eles têm as mesmas dúvidas que seus alunos? Fato esse que nos levou a reorganizar nossas propostas de projetos e concluirmos

¹ Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. *E-mail:* lilianaparecidateixeira@gmail.com.

² Doutora em Educação para a Ciência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Docente Sênior da Universidade Estadual de Londrina – UEL – e Docente Colaboradora da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP – Câmpus Cornélio Procópio. *E-mail:* marinezmp@sercomtel.com.br. Com o apoio da Fundação Araucária.

³ Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. *E-mail:* df18@students.uwf.edu.

⁴ Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Docente do Departamento de Biologia da Universidade Estadual de Londrina. *E-mail:* virginiamastro@uel.br.

⁵ Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – USP. Docente Sênior da Universidade Estadual de Londrina – UEL. *E-mail:* sergioarruda@sercomtel.com.br. Com o apoio do CNPq.

que os cursos de extensão universitária são importantes, pois corroboram em suprir a carência de informação dos professores da Educação Básica para trabalhar a sexualidade, com uma melhor educação dos alunos, bem como para a formação inicial de futuros professores.

Palavras-chave: Sexualidade. Extensão Universitária. webQDA. Educação Sexual.

Abstract

Working on issues related to Sexual Education, despite all the initial and ongoing training offered today, has still been a problem in basic education. In this way, we must consider that extension programs of the universities have been of great value, since they take many orientations to the teachers, as well as students, besides contributing with the formation of the future professors, current students of the degrees. So the question that guided our research was: how can teachers work on Sex Education issues if they have the same questions as students? To do so, we used a survey of questions asked between the years 2013 and 2015 with teachers and students and based on the methodological procedures of Discursive Textual Analysis for data organization. In addition, for the analysis, we used the software webQDA that allowed to highlight the most frequent significant words. We interpreted that six of the ten words most frequently asked by the research subjects were common in the questions of teachers and students. Therefore, we conclude that the university extension courses are important, because they corroborate in supplying the lack of information of the Basic Education teachers to work the sexuality, with a better education of the students, as well as for the initial formation of future teachers.

Keywords: Sexuality. University Extension. webQDA. Sexual Education.

Introdução

Trabalhar os temas relacionados à Educação Sexual, apesar de todas as formações iniciais e contínuas atuais, ainda tem sido um problema nas escolas. Em investigações que realizamos nas diversas literaturas (FIGUEIRÓ, 2009; FURLANI, 2011; LEÃO, RIBEIRO; BEDIN, 2010; LOURO, 2014; CARVALHO; BRUNS, 2016), estes pesquisadores relatam que esses temas são tratados por muitos professores nas instituições de ensino de maneira muito biológica e também epistêmica, ou seja, falam de sexualidade referindo-se apenas aos órgãos sexuais masculinos e femininos. Porém, não podemos deixar de considerar todo o contexto pessoal e social em que as escolas e as pessoas que nelas circulam estão inseridas.

Desta forma, programas de extensões das universidades têm sido de grande valia, pois levam muitas orientações aos professores, e, por conseguinte, aos alunos⁶

⁶ Para este artigo estamos padronizando que alunos são aqueles que frequentam a Educação Básica e estudantes são os que cursam as licenciaturas, no nosso caso os bolsistas do Pibid que atuavam nas escolas conveniadas com os projetos que desenvolvíamos na época de coleta.

da Educação Básica, além de contribuir com a formação dos futuros professores, atuais estudantes das licenciaturas. Rocha (2007) citando Silva (2011, p.2) explica que:

A relação da universidade com a comunidade se fortalece pela Extensão Universitária, ao proporcionar diálogo entre as partes e a possibilidade de desenvolver ações socioeducativas que priorizam a superação das condições de desigualdade e exclusão ainda existentes. E, na medida em que socializa e disponibiliza seu conhecimento, tem a oportunidade de exercer e efetivar o compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

Diante dessas afirmações trazemos nos parágrafos seguintes alguns esclarecimentos e disposições a respeito de três⁷ Projetos de Extensão que coordenamos ou com os quais colaboramos nos últimos anos (2013-2019) e que inspiram e norteiam pesquisas, uma delas relacionada aos resultados que destacamos neste artigo.

O primeiro deles intitulado *Educação para a sexualidade: Diálogo entre UEL e Educação Básica*, e que está pautado nos pressupostos descritos na continuidade: tratar da sexualidade no contexto escolar permeado por debates conduzidos pelo discernimento de a quem cabe o papel de discutir tal tema junto a crianças e adolescentes; pensar na Educação para a Sexualidade, enquanto proposta conceitual e pedagógica, buscando uma forma de proporcionar a transitoriedade de nossas identidades, de apontar as violências tão banalizadas e naturalizadas em nossa coletividade, de liberar que novas questões sejam acionadas como a experiência dos prazeres e desejos, a curiosidade, esquivando-se de padrões, normas e regras. Como objetivo geral este projeto visa constituir, a partir de diálogos, da problematização e da desconstrução de discursos naturalizados, caminhos que levem os participantes – professores e alunos de escolas públicas de Londrina e seu entorno e estudantes da graduação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) – a compreenderem a importância de conhecer seu corpo, o respeito por si e pelos outros, livres de tabus e preconceitos; de esclarecer e minimizar intolerâncias e discriminações existentes no ambiente escolar e fora dele, enfatizando a importância do respeito entre os indivíduos, por meio de oficinas que acontecerão a cada quinze dias nas escolas da

⁷ Todos em andamento.

rede pública municipal e estadual que solicitarem e em um sábado por mês na própria Universidade.

O segundo projeto *PIBID Ciências Biológicas: ampliação e consolidação*, que está sendo desenvolvido com a participação de docentes e discentes (da Universidade e da Educação Básica) das disciplinas de Biologia e Ciências para proporcionar uma metodologia por meio de vivências, inter e multidisciplinares, nas escolas em que o projeto atua e na Universidade, que instiguem e estimulem práticas de ensino, pesquisas, projetos de extensão e produção do conhecimento, essenciais para a formação docente inicial – quando consideramos os graduandos – e permanente – ao pensarmos nos docentes da Instituição de Ensino Superior (IES) e nos supervisores das escolas. Neste caso, o objetivo principal é o de apresentar os resultados obtidos com tal desenvolvimento, isto é, as atuações planejadas segundo os encaminhamentos pertinentes ao Projeto Pibid – Programa de Bolsas de Iniciação à Docência, instituído em todo o País, e seus desdobramentos, em cursos de formação inicial e continuada de professores, eventos nacionais e internacionais, *blogs* e produção de *e-books*.

O terceiro e último projeto sobre o qual discorreremos é: *LIFE – Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores*. Laboratório, que é um espaço de formação e de investigação no campo da formação de educadores, implantado no Colégio de Aplicação da Universidade Estadual de Londrina (unidade centro), com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo objetivo principal da proposta é o de sistematizar e congregar ações das diversas licenciaturas da UEL, tendo como foco o uso das tecnologias de informação e comunicação de forma interdisciplinar. Tais ações são voltadas aos professores/supervisores e alunos do Pibid e de outros projetos desta IES que vise formar educadores. O trabalho ocorre por meio de oficinas, cursos, palestras e eventos ao longo do ano, ao menos uma vez ao mês. Os resultados são avaliados, durante e após as ações, com o intuito de avaliar as ações do grupo proponente, bem como o impacto das ações nas práticas dos professores da Educação Básica que atuam nas escolas de Londrina e entorno desse município.

Diante desses esclarecimentos cabe sublinhar que os resultados que apresentamos neste artigo amparam-se em ações pertinentes aos três projetos, cada um com sua especificidade: dados coletados durante os cursos de formação de professores (questionamentos sugeridos por eles) e ações em sala de aula

(questionamentos sugeridos pelos alunos das escolas no contexto do Pibid aos bolsistas do Projeto); proposições de desenvolvimento de pesquisas; processo de divulgação dos impactos.

Por conseguinte, e pela necessidade de sustentar o encaminhamento investigativo, elaboramos a seguinte questão: Quais são as dúvidas que professores e alunos possuem sobre Educação Sexual? Situação essa que retroalimentou e ressignificou novas ações e sugestões de cursos que realizamos após o ano de 2015, buscando suprir tais lacunas, que foram sustentadas por outra indagação: Como os professores podem trabalhar temáticas relacionadas à Educação Sexual, se eles têm as mesmas dúvidas que seus alunos? Fato que nos conduziu à proposição de novos cursos e de um realinhamento nos objetivos das ações dos projetos, que passaram a focar as dúvidas registradas nos levantamentos.

Todavia, as experiências deflagradas por esses levantamentos e resultados conclusivos não são a temática que discutiremos neste artigo. Aqui trazemos somente os resultados interpretativos que conduziram movimentos posteriores nos três projetos e que estavam alinhados com seus objetivos primários, ou seja, trazemos neste artigo detalhes a respeito da investigação que nos levou à consideração conclusiva de que professores e alunos da Educação Básica possuíam as mesmas dúvidas sobre a temática Educação Sexual. O *corpus*⁸ analítico diz respeito a um levantamento realizado nos anos de 2013, 2014 e 2015, quando professores e alunos da Educação Básica registravam perguntas sobre sexualidade e entregavam aos pesquisadores⁹. Tal levantamento foi realizado em cursos e palestras precedidos pelos professores e alunos do curso de Ciências Biológicas da UEL, a convite dos diretores, coordenadores e pedagogos das escolas conveniadas com os projetos em questão.

Para tratar deste assunto devemos considerar que estes professores da Educação Básica, talvez, não tivessem realizado uma formação adequada para trabalhar temáticas relacionadas à Educação Sexual. E, além disso, a discussão de tais temáticas poderiam esbarrar em dificuldades como a religião dos alunos ou do próprio professor e, até mesmo, preconceitos do contexto em que estavam inseridos.

⁸ “[...] o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 2011, p.126).

⁹ Havia pesquisadores que coletavam os registros dos professores e outros que coletavam os registros dos alunos. O que nos leva a ter conjuntos de perguntas devidamente identificados.

Assim, mesmo com tantos desafios e barreiras, vale a pena trazer estas temáticas para a divulgação em artigos e para o contexto escolar, até por uma questão de saúde, haja vista o alto índice de abuso sexual contra crianças, gravidez na adolescência, preconceito sobre as diversidades de gênero, orientação sexual, entre outros.

Marco teórico para a inserção da temática no ensino

Em 1995, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) coordenou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em que incluía a Orientação Sexual como um dos temas transversais, que deveria ser articulada com as disciplinas e outros temas como: ética, saúde, meio ambiente e pluralidade cultural. É um modelo pedagógico de não diretividade, ou seja, é a problematização das demandas apresentadas pelos alunos (BRASIL, 1997).

A proposta dos PCN indica que a Orientação Sexual seja um processo planejado, intencional e sistemático, e que inclua o esclarecimento das dúvidas, os questionamentos, a ressignificação das informações e valores incorporados e vivenciados no decorrer da vida de cada criança e jovem. Os temas transversais não se configuram como novas disciplinas, mas como assuntos importantes que precisam ser abordados nas diversas áreas do conhecimento que compõem o currículo escolar, voltados para a formação integral do ser humano e possibilitando, assim, que a dimensão da sexualidade, em geral oculta ou estereotipada, seja tratada em toda sua amplitude. Desta forma, os PCN definem que a Orientação Sexual deve ser trabalhada no Ensino Fundamental, como tema transversal, perpassando todas as áreas do conhecimento, dentro ou fora da programação, e no Ensino Médio, assim que surgirem questões relacionadas ao tema (BRASIL, 1997).

Atualmente, não utilizamos o termo Orientação Sexual como sinônimo de Educação Sexual, uma vez que Orientação Sexual indica por quem sentimos desejo. Ou seja, diz sobre a sexualidade do indivíduo com relação à sua identidade sexual, que vai sendo construída ao longo da sua vida.

Na rede estadual de ensino do estado do Paraná encontramos os cadernos temáticos (PARANÁ, 2009) que tratam de diversos assuntos, sendo um deles sobre sexualidade, no qual estão inseridos diversos temas como questões de gênero, doenças sexualmente transmissíveis, Educação Sexual e outros correlatos. Por ser a escola o local onde os jovens permanecem boa parte de suas vidas, ela torna-se um

espaço em que discussões sobre os mais variados temas da sexualidade podem e devem ser comentados com o intuito de levar a toda a comunidade escolar informações verídicas e sustentadas por conhecimentos científicos.

Quanto à Educação Sexual no Ensino Superior, ainda é raro encontrar um curso que trabalhe as questões relacionadas à sexualidade. Desta forma, quando fatalmente, no exercício da docência, o professor se depara com tais questões, ele não sabe como lidar, pois não está preparado e nem teve discussões pertinentes a elas em sua formação inicial.

A resolução nº 2 de 1º de julho de 2015, do Ministério da Educação (MEC), define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior, e no capítulo V, no inciso 2º, trata da formação inicial do magistério da Educação Básica em nível superior: estrutura e currículo, afirmando que os cursos de formação deverão garantir nos currículos conteúdos relacionados e, dentre vários, a sexualidade (BRASIL, 2015).

Então, como se vê, todos os cursos de licenciatura precisariam passar por uma reformulação e constar em seu currículo, além de outros, conteúdos que tratam de gênero e diversidade sexual. Como reestruturações curriculares no âmbito das universidades levam tempo para ocorrer, conforme comentado, por meio dos projetos de extensão que coordenamos ou de que somos colaboradores, trazemos atividades que procuram solucionar essas faltas. Algumas delas levantadas, inclusive, durante as atuações planejadas no âmbito dos próprios projetos, mas que posteriormente são analisadas e relidas, segundo propostas investigativas.

Encaminhamentos metodológicos

Nesta seção descrevemos de forma resumida alguns detalhes a respeito dos dados coletados, do contexto em que foram coletados e dos procedimentos interpretativos, que culminaram em proposta de apresentação que dispusemos na seção seguinte.

Cabe lembrar que a questão de pesquisa norteadora desta investigação foi: Quais são as dúvidas que professores e alunos possuem sobre Educação Sexual? Assim, para responder a tal questão, realizamos um levantamento, nos anos de 2013, 2014 e 2015, de dúvidas destes professores e alunos, da Educação Básica, sobre sexualidade. Tal levantamento foi realizado durante os cursos e as palestras que

professores e estudantes do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Londrina ministravam em Londrina e região.

Os registros das dúvidas dos professores, em geral, foram coletados durante os cursos e as palestras que aconteceram nas semanas pedagógicas desses estabelecimentos escolares. Nessas ocasiões solicitou-se que cada professor registrasse, em uma folha de papel, alguma pergunta sobre qualquer tema relacionado à sexualidade. Tal situação foi complementada com os seguintes esclarecimentos: uma pergunta feita por um aluno e que ele julgou inapropriada ou uma pergunta feita por um aluno e que ele não soube responder; uma pergunta feita por um aluno e que ele foi pego de surpresa; uma dúvida pessoal sua a respeito do assunto em questão.

Ao final dos três anos de recolha dos dados chegamos a um total de 186 questões registradas pelos professores. Entre elas destacamos essas cinco questões, pelo fato de as palavras que sublinhamos serem aquelas que estão em evidência na Figura 1. Todavia, justificamos que inúmeras outras poderiam também ser representativas dessas evidências.

- Sexo anal pode ser realizado sempre?
- Se uma menina fizer sexo anal, ela ainda é virgem?
- Quais são os primeiros sintomas da AIDS?
- Como falar de masturbação com um adolescente que não se incomoda em fazer isso numa sala com 40 estudantes?
- Qual a diferença entre orgasmo e ejaculação?

Para a coleta junto aos alunos, fizemos uso de diversas dinâmicas que tratavam dos temas sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis, respeito e solidariedade. Após as intervenções, em geral, conduzidas por bolsistas do Projeto Pibid que atuavam nas escolas ou professores universitários, eram entregues folhas de papel em branco solicitando a eles que registrassem anonimamente questões referentes ao tema sexualidade sobre as quais eles gostariam de conhecer a resposta. Os encaminhamentos argumentativos para que realizassem o que pedíamos tinham o seguinte teor: podem ser dúvidas pessoais; podem ser dúvidas de outras pessoas e que também são suas; pode estar relacionada a algo que você leu e não compreendeu; pode estar relacionada a algo que você ouviu e não sabe se é verdade

ou não; pode ser sobre algo que você não sabe o significado. Em complementação, ainda foram dadas algumas orientações: poderia ser qualquer coisa que quisessem perguntar; que envolvesse julgamento de valor (certo ou errado); que estivesse relacionado a algo pornográfico, indicado por pecado ou feio; não estivesse relacionada à intimidade dos professores ou dos colegas de escola. Além disso, explicou-se que, caso os professores (bolsistas em formação inicial ou professores palestrantes) não soubessem responder, elas seriam pesquisadas para que pudessem se esclarecidas em um encontro vindouro.

Ao final de 2015 haviam sido coletadas 324 questões. Entre elas, selecionamos algumas para inserir neste artigo, justificando da mesma forma quanto à seleção das questões apresentadas pelos professores.

- Quantas vezes uma pessoa consegue fazer sexo?
- A primeira vez que faz sexo dói?
- Como diferenciar uma mulher virgem de uma não virgem?
- Mesmo tomando anticoncepcional, ejaculando dentro da vagina, pode engravidar?
- Qual é o tamanho normal do pênis?
- Por que a mulher demora mais que o homem para ter orgasmo?

É importante explicar que recolhemos mais perguntas dos estudantes do que dos professores, ou seja, os estudantes perguntaram mais. Acreditamos que isso se deve ao fato de se encontrarem na idade relativa à puberdade, sendo uma época em que surgem muitas dúvidas e curiosidades, e por se tratar do início de sua vida sexual. Assim, de posse de todas as perguntas, passamos à fase de organização dos dados, para posterior análise. Para isso, recorreremos aos procedimentos da Análise Textual Discursiva (ATD) que, segundo Moraes e Galiazzi (2007, p.41) é

[...] um processo emergente de compreensão, que se inicia com um movimento de desconstrução, em que os textos do “*corpus*” são fragmentados e desorganizados, seguindo-se de um processo intuitivo auto-organizado de reconstrução, com emergência de novas compreensões que, então, necessitam ser comunicadas e validadas cada vez com maior clareza em forma de produções escritas.

Utilizamos, ainda, um *software* chamado webQDA, que foi elaborado para favorecer a análise de dados de pesquisas de naturezas qualitativas.

O webQDA é um *software* direcionado a investigadores, no contexto acadêmico e empresarial, que necessitem de analisar dados qualitativos individual ou colaborativamente, de forma síncrona ou assíncrona. O webQDA segue o desenho estrutural e teórico de outros programas mais utilizados no mercado – NVivo, Atlas.ti, MaxQDA – diferenciando-se de todos estes por proporcionar trabalho colaborativo *online* em tempo real e um serviço de apoio à investigação (SOUZA; COSTA; MOREIRA, 2011, p.50).

Por ser *online*, o webQDA torna-se especialmente útil para pesquisadores, podendo ser eles estudantes de mestrado ou doutorado, que realizem análise qualitativa de dados e tenham acesso à *internet*.

A fim de analisar os dados nesse *software*, de maneira a verificar se as dúvidas dos professores e as dos alunos possuíam algo em comum ou divergiam, começamos por identificar as palavras que fossem representativas destas dúvidas, optando por denominá-las de significantes, o mesmo que a ATD indica por unidades de registro. Assim, por exemplo, a pergunta do estudante sobre mulher virgem, citada anteriormente, foi significada pelas palavras: ‘diferenciar mulher virgem de não virgem’, suprimimento, “como” e “uma”. Esse movimento foi feito para que pudéssemos buscar, por meio do *software* webQDA, as palavras mais frequentes, evitando assim que aparecessem artigos, advérbios e proposições em demasia.

Depois de ressaltar o significativo de cada pergunta, utilizamos o webQDA para evidenciar as palavras que mais apareciam nas perguntas dos professores e dos alunos, podendo, posteriormente, tecer algumas conclusões a respeito dos dados. Realizamos, então, dois movimentos separados, primeiro somente com as perguntas dos professores e, depois, somente com as dos alunos, fato que nos conduziu a um processo de comparação dos resultados e que descrevemos na próxima seção.

Resultados

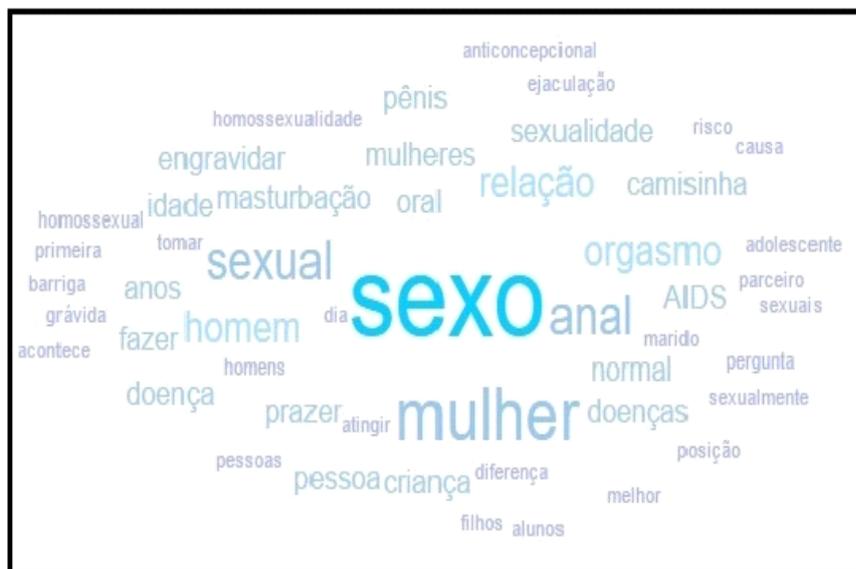
Na Figura 1, a seguir, encontra-se uma “nuvem”¹⁰ feita automaticamente (após serem digitadas) pelo webQDA com as palavras que mais apareceram nas perguntas dos professores. É importante esclarecer que o “tamanho”¹¹ que a palavra aparece

¹⁰ Denominação genérica dada a esta forma de representação e que o *software* que utilizamos também a assume.

¹¹ O que o Processador de texto *Microsoft Word* denomina de corpo.

tem relação direta com a quantidade de vezes que ela foi registrada, ou seja, as maiores foram citadas mais vezes e, por conseguinte, as menores, menos vezes.

Figura 1 – Palavras presentes nas perguntas dos professores



Fonte: webQDA

Diante dessa figura podemos observar que as dez palavras mais frequentes foram: “sexo” (em maior destaque), seguida por “mulher”, “sexual”, “anal”, “orgasmo”, “relação”, “homem”, “masturbação”, “normal” e “oral”.

A Tabela 1, inserida na continuidade, e organizada por meio de uma das ferramentas do webQDA, mostra-nos a frequência absoluta das dez palavras mais registradas em ordem decrescente de quantidade.

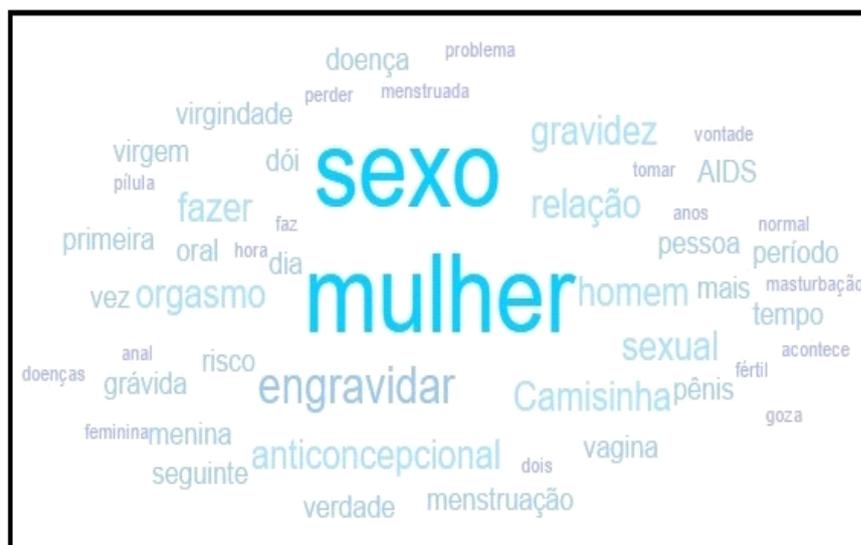
Tabela 1 – Palavras mais registradas nas perguntas dos professores

Palavra	Repetição
sexo	47
mulher	29
sexual	18
anal	17
orgasmo	15
relação	15
homem	13
masturbação	9
normal	9
oral	9

Fonte: webQDA

O mesmo movimento foi realizado com as perguntas dos alunos. Na Figura 2, apresentamos a “nuvem” gerada automaticamente pelo webQDA.

Figura 2 – Palavras evidenciadas das perguntas dos alunos



Fonte: webQDA

Nessa Figura podemos ver que as dez palavras mais frequentes são: “mulher”, “sexo”, “engravidar”, “homem”, “camisinha”, “relação”, “anticoncepcional”, “orgasmo”, “sexual” e “gravidez”.

Assim como para as questões dos professores, trazemos na Tabela 2 as frequências relativas a essas dez palavras evidenciadas nos registros dos estudantes.

Tabela 2 – Palavras mais frequentes nas perguntas dos alunos

Palavra	Repetição
mulher	64
sexo	61
engravidar	24
homem	21
camisinha	20
relação	20
anticoncepcional	19
orgasmo	17
sexual	16
gravidez	15

Fonte: webQDA

Nessa organização tabular fica explícita a quantidade maior de repetição das palavras registradas pelos alunos, isso se deve ao fato de que, como já indicamos em

momento posterior, a quantidade de perguntas coletas dos alunos foi maior (186 – dos professores; 324 – dos alunos). Todavia, mesmo com essa discrepância em quantidade, a que nos conduzem, interpretativamente, as duas relações das dez palavras mais citadas?

Como podemos verificar, entre as dez palavras mais frequentes das Tabelas 1 e 2, seis delas estão presentes nos dois levantamentos: “sexo”, “mulher”, “sexual”, “orgasmo”, “relação” e “homem”. A palavra “sexo” é a mais frequente nas perguntas dos professores e a segunda mais frequente nas perguntas dos estudantes. E, a palavra “mulher” é a mais frequente nas perguntas dos estudantes e a segunda mais frequente nas perguntas dos professores, o que nos leva a considerar que “sexo” e “mulher” são dois significantes importantes tanto para professores quanto para os alunos. Ou seja, as dúvidas mais suscitadas por professores e alunos, no que diz respeito à sexualidade, estavam relacionadas a fatores que envolvem “sexo” e “mulher”.

Além disso, podemos notar que as palavras que apareceram nas perguntas dos professores e não nas dos estudantes estão relacionadas ao tipo de prática sexual: anal, masturbação, normal e oral. E as palavras que apareceram nas perguntas dos alunos e não dos professores estão relacionadas a preocupações em torno da concepção: engravidar, camisinha, anticoncepcional e gravidez.

Esses resultados passaram a ser considerados nas intervenções e proposições de cursos, palestras e dinâmicas realizadas em sala de aula nas escolas que atuávamos e que ainda atuamos.

Conclusões

Após análise e interpretação dos dados, percebemos que seis das dez palavras mais frequentes eram comuns nas perguntas dos professores e dos alunos. Concluimos, assim, que eles partilham de dúvidas semelhantes, ou seja, possuem significantes próximos ou relacionados ao mesmo tema, às mesmas impressões.

Essas considerações nos conduziram a uma nova questão: Como os professores da Educação Básica podem trabalhar temas relacionados à sexualidade com seus alunos, sendo que partilham das mesmas dúvidas? O que nos levou a refletir sobre a não condição de esses professores trabalharem a Educação Sexual de forma satisfatória e à necessidade de ajustes curriculares na formação inicial,

principalmente nos cursos de Ciências Biológicas. Reformulações essas que, em geral, demoram anos e anos para serem consumadas.

Em virtude desses fatos, vimos nos Projetos e nos cursos de extensão universitária uma forma ágil de amenizar tais desajustes, contribuindo não apenas para suprir a carência dos professores da Educação Básica, mas também para divulgar informações importantes e necessárias de como desenvolver um trabalho em sala de aula a respeito da sexualidade que atinja, além dos professores, seus alunos e os estudantes das licenciaturas (futuros professores).

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Porto: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015**. Diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**, v.8, n.10. Brasília, 1997.

CARVALHO, A. M. O.; BRUNS, M. A. T. Questões de gênero no contexto escolar e formação docente: interdiálogo pertinente. *In*: BRUNS, M. A. T.; MELO, S. M. M. M. (org.). **Desafios da Educação sexual: interfaces pertinentes com comunicação e tecnologia**. Curitiba: CRV, cap.10, p.211-230, 2016.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M.; BEDIN, R. C. Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. **Linhas**, Florianópolis, v.11, n.1, 2010.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação – Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Sexualidade**. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual – Curitiba: SEED, 2009.

SILVA, V. **Ensino, pesquisa e extensão**: uma análise das atividades desenvolvidas no GPAM e suas contribuições para a formação acadêmica. Base de dados do Scielo, Vitória, nov. 2011. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf. Acesso em: 15 out. 2016.

SOUZA, F. N.; COSTA A. P.; MOREIRA, A. Análise de dados qualitativos suportada pelo *software* webQDA. In: **CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TIC NA EDUCAÇÃO**: perspectivas de inovação, 7., 2011, Braga. **Atas** [...]. Braga: Challanges, 2011. p.49-56.

Recebido em: 20/11/2017

Aprovado em: 16/05/2019